

LONGE DOS OLHOS

Brasília, na verdade, são duas. A primeira é essa que o visitante sobrevoa, tentando reconhecer no corpo dela as formas do avião que aprendeu nos livros escolares. Mas há muito mais vida escondida entre as construções da cidade

Wanderlei Pozzembom



DEZ METROS ABAIXO

ADILTON FERREIRA SE ACOSTUMOU A VER BRASÍLIA DE BAIXO DA TERRA. ELE TRABALHA NA MANUTENÇÃO DA REDE DE ÁGUAS PLUVIAIS E CAMINHA QUILÔMETROS A DEZ METROS DA SUPERFÍCIE, CONTANDO HISTÓRIAS DE CASAIS QUE SE AMAM NO SUBTERRÂNEO

José Rezende Jr.
Da equipe do Correio

A MEDIDA QUE SE APROXIMA DA TERRA, O VISITANTE DESISTE DE ENCONTRAR AS ASAS DO SUL E DO NORTE E SE OCUPA EM DESCONFIAR QUE A CIDADE É FEITA DE MISTERIOSOS QUADRADINHOS AZUIS-PISCINA (DOIS OU TRÊS DIAS MAIS TARDE, IRÁ EMBORA SEM SABER QUE AVISTOU NO SOBREVÔO DE CEGADA CENTENAS DE PISCINAS AZUIS À BEIRA DE UM GRANDE LAGO).

A Brasília que o visitante vê surgir no momento em que perfura a última camada de nuvens — e a cidade que verá mais tarde da janela do ônibus de turismo — nunca é a outra, mas a mesma primeira Brasília, com alma de cartão postal e corpo de mármore e pastilhas, prédios em forma de caixote dispostos num traçado monótono e matemático.

Já a segunda Brasília é feita de uma outra matéria-prima, mistura imprecisa de saudade, solidão e caos. É uma cidade quase invisível — para quem a visita pela primeira vez e mesmo para os que a conhecem desde o princípio dos tempos.

Poucos percebem a Brasília oculta, essa que foi sendo lentamente

construída pelo acaso, à margem da lógica confortável e quase irritante da Brasília oficial.

É preciso antes acostumar os olhos à claridade para depois enxergar seus escuros: essa outra Brasília é uma cidade de coisas despercebidas.

É uma cidade de gatos que se dividem em duas categorias: a dos matadores implacáveis e a dos que suicidas. Do súbito milharal que floresce no eixo com o único propósito de saciar saudades. Das mulheres escancaradamente nuas e das submersas por tecidos indevassáveis, dos fanáticos pelo sexo e pela religião que se esbarram todos nos mesmos becos noturnos. E do homem que caminha com dois cães: vira-latas e duzentas chaves que se acredita o dono da cidade.

Chama-se — ou diz chamar-se — Antonio. Veio — ou diz ter vindo — do Piauí. Tem fiapos grisalhos de barba e a pele tostada pelo sol do Setor Comercial Sul. Leva algumas chaves penduradas nas presilhas da calça muito rota e outras tantas atadas ao embornal azul desbotado.

As chaves são de diferentes tamanhos e tipos: pequenas, grandes, antigas e velhas; de cadeado, automóvel, porta e portão. Os transeuntes enxergam a loucura evidente, mas desconhecem a lógica por trás da loucura. Se alguém pergunta a razão de tanta chave, o homem estende o braço direito e aponta o mundo em redor:

“Tá vendo aquele hospital? Aquele loja? O carro? O banco? O tribunal? É meu. Tudo meu.”

O homem sabe: há que se ter tantas chaves quantas forem as portas dessa cidade. Mas não é o bastante. Por isso, abraça o envelope de plástico amarelo, de uma encomenda Sedex que jamais recebeu. Do envelope

lope, tira pedaços de papéis em branco ou rabiscados com garatujas indecifráveis, restos de jornais comidos pelo tempo: o homem acredita que aperta contra o peito as escrínias de posse da cidade.

Pode-se ter tudo e nada a um só tempo? Pois o homem só tem de seu uma cidade imaginária e dois vira-latas de carne pouca e ossos salientes: o preto, de espírito libertário que some e reaparece quando bem quer, e o branco de pelo encardido, dócil e triste, que jamais se afasta do dono.

Tocado pela lucidez ou pelo instinto, o dono da cidade estanca na calçada, à espera que fique verde o homeminho do semáforo para só então cruzar a W-3. Enquanto isso, agarra, afaga e detém os dois cães: “Espera, espera. Se vocês morrem, eu fico só”.

O ESPÍRITO DO MILHARAL

Foi num dia de dezembro de 1996. Chovia. Os homens da Nova Cap haviam acabado de fechar uma vala aberta por eles próprios para consertar um encanamento, na têxtil que dá acesso à Rua das Farmácias. Fim o trabalho, jogaram adubo para replantar a grama e foram embora.

Ferreirinha, nascido José Ferreira de Souza, teve a idéia. No dia seguinte, desfalcou o almoço das galinhas e trouxe de casa, na Ceilândia, um punhado de caroços de milho. Aproveitando a valeta, o adubo e a chuva, abriu pequenas covas com o bico do sapato e plantou 33 pés de milho. Sentou-se no banquinho e esperou.

Quatro meses depois, os pés de



COBRADOR CIGANO

ALAOR FAGUNDES VEIO DO PARANÁ COM R\$ 2.000,00 NO BOLSO E QUER PASSAR UM ANO EM BRASÍLIA

milho chegavam à altura de Ferreirinha. Um milharal crescia em pleno Plano Piloto. Era um milharal mágico — não só porque florescia impassível e improvável na paisagem feita de eixos, automóveis e prédios, mas porque foi plantado, nasceu e cresceu com o único fim de alimentar o espírito.

Sim. O agricultor do asfalto sabia que não deveria esperar muito daquele milharal. Talvez brotassem dele quatro ou cinco espigas mixurucas. Culpa da má qualidade do solo e da falta de adubação permanente. Mas para ele não fazia a menor diferença.

“Eu plantei mesmo foi pra ficar olhando. Pra lembrar minha terra, fazer de conta que era a nossa roça lá em São João do Rio do Peixe. Eu olhava o milho crescendo e era o mesmo que ver minha finada mãe e meu pai que ficou cego”.

A avó de Ferreirinha tinha uma propriedade medindo uma légua de comprimento por meia de largura, na Paraíba, onde a família plantava. Ferreirinha veio embora para Brasília há 20 anos, para estudar os filhos. Jamais se arrependeu. Mas nunca soube conviver direito com a saudade do barulhinho bom do milho crescendo.

Ferreirinha ganha a vida vendendo relógios de marcas obscuras — Do-not, por exemplo — a R\$ 10,00. Depois do milharal, Sônia, que vende calcinhas de bolinhas e cuecas listradas na base de três por R\$ 5,00, plantou tomate do lado do milho. Edvan, um negociante de bijuteria, barata, enterrou ao lado dois caroços de manga que trouxe do quintal de casa. Floresceram.

“Se não for para mim, há de ser sombra para alguém”, pensou.

Ferreirinha, Edvan e Sônia são tão desapercebidos quanto o milha-

ral da tesourinha. Os três trabalham numa feira que se instalou na passagem subterrânea de pedestres próxima ao Banco Central.

Na mais perfeita tradução do termo "economia subterrânea", os camelôs do centro da terra vendem de tudo um pouco, enquanto os automóveis correm sobre suas cabeças no Eixinho de cima, Eixão e Eixinho de Baixo.

São dezenas de bancas vendendo óculos escuros, daqueles que se usa no vôlei de praia (R\$ 5,00), meias femininas (R\$ 1,00), calças-bailarina (R\$ 10,00), almofadas com escudos de times de futebol (R\$ 5,00), sandálias de salto alto para mulheres (R\$ 12,00), além de mel, raízes, batons e bugigangas em geral.

É um comércio intenso e livre que funciona ali há três anos, bem debaixo dos nossos pneus. Mas não o percebemos, como também não víamos o milharal. Mesmo os pedestres ainda se surpreendem com esse mercado inusitado que ajudou a tornar mais segura a travessia de cada dia: espantados pelo movimento permanente, os ladrões que costumam agir nas passagens foram roubar de outra freguesia.

Por serem quase invisíveis, os camelôs subterrâneos às vezes se julgam também invulneráveis.

"Vender, a gente quase não vende. Mas lá em cima tem o *rapa*. Aqui embaixo estamos seguros, livres para trabalhar", imagina Edvan.

Não é bem assim. Na semana passada, o caminhão estacionou no Eixinho. Homens de uniforme vermelho desceram e, sem dizer palavra, arrancaram 33 pés de milho.

Sentado no seu banquinho, o camelô olha para cima e, bem ali onde havia um milharal, só vê agora os automóveis correndo para lá e para cá e os edifícios imóveis ao fundo. Ferreirinha promete e espera, antes da próxima chuva: "Ano que vem, eu planto de novo. É só começar a chover".

A Brasília das coisas despercebidas tem 35 papagaios selvagens e pontuais. Todos os dias às seis da tarde, eles pousam na mesma árvore de frutinhas pequenas e doces. Às 18h10, voam embora.

A árvore, que se chama Calabura e é originária do Caribe, está plantada no Pau-Brasília, viveiro de plantas na Saída Norte, logo depois da ponte do Bragueto. Os papagaios da árvore amarela descobriram a árvore há dois anos. Todos os fins de tarde se fartam.

Nikolaus Von Behr, o publicitário que virou poeta e ecologista e é dono do Pau-Brasília, cálcula os segundos que faltam para as seis da tarde pela algazarra dos pássaros que se aproximam voando em formação. Quanto mais alto o som, mais perto a hora marcada.

"Seis horas", informa ele, olhando o céu em vez do relógio: graças a um mecanismo exato e secreto, os papagaios já roçam as folhas com as asas. São, de fato, seis horas.

HÁ GATOS E GATOS

O faxineiro Francisco vive um impasse. Como o santo que lhe empresta o nome, Francisco ama todos os bichos da mesma forma. Mas se sente obrigado a tomar partido na luta desigual entre os gatos e os pombos da Praça dos Três Poderes, onde trabalha limpando monumentos.

O enredo da guerra não poderia ser outro: os gatos estão comendo os pombos. É assim desde que Deus fez o mundo e criou os felinos e as aves.

Mas na Praça dos Três Poderes há uma agravante: acostumados a receber milho, pipoca e restos de comida diretamente de mãos humanas, os pombos perderam reflexos. São presas fáceis para os gatos e os automóveis que os transformam numa massa disforme de penas e sangue. A doce vida amorteceu-lhes o instinto.

Com os gatos, acontece o oposto. Criados sem dono, são quase animais selvagens. Aguçaram o instinto. Tornaram-se caçadores implacáveis.

Francisco não consegue manter-se neutro diante da carnificina. Mas como convencer os gatos a mudarem o cardápio?

"Os pombos são inocentes e eu não quero que eles morram. Mas também não posso matar os gatos. O que fazer?", pergunta, enquanto tenta inventar uma armadilha eficaz e indolor para os gatos.

"Eu prendo eles e solto bem longe daqui. Af... Ah, não! Olha lá, olha lá...", desespera-se o faxineiro. Lá

Wanderlei Pozzebom



O DONO DO MILHARAL

JOSÉ FERREIRA DE SOUZA, O FERREIRINHA, VENDE BUGIGANGAS NA PASSARELA SUBTERRÂNEA PRÓXIMA AO BANCO CENTRAL, MAS PLANTOU UM MILHARAL PARA VER OS PÉS CRESCEREM E LEMBRAR DA MÃE MORTA E DO PAI CEGO NA PARAÍBA NATAL

adiante, perto do mastro da bandeira, um gato preto carrega um pombo na boca.

Esses predadores da praça pouco lembram os parentes abastados que vivem de migalhas humanas nos estacionamentos dos blocos. Os gatos das quadras acostumaram-se a dormir debaixo dos carros. Vez ou outra, esgueiram-se para dentro do motor, em busca do antídoto para o frio. Imaginam que o instinto feline — que ignoram entorpecido — haverá de fazê-los dar o salto vital antes que a chave toque na ignição.

Coisa que nem sempre acontece. Não são poucos os gatos estrelados durante o sono. Sete vidas vão se embora com um simples girar de chave.

Há gatos e gatos em Brasília.

COMO PERDER

O TEMPO

É a banca mais animada da pequena feirinha de camelôs que funciona no Setor Comercial Sul, quase chegando na W-3. Seu Honorato só vende quebra-cabeças, daqueles em que é preciso separar dois pregos retorcidos que se encontram entrelaçados ou retirar uma vareta de um labirinto de arame.

Seu Honorato inventou um desafio. O freguês tem meia-hora para resolver 12 quebra-cabeças do tipo. Se conseguir, ganha um de graça.

"Antes, eu dava uma hora de prazo. Estive perto de abrir falência", confessa ele, que chama a sua banca de "a escola da inteligência".

É mais que isso: uma escola de paciência. Seu Honorato, ensina, na verdade, a arte de perder o tempo. Ou de se perder do tempo.

A banca está sempre rodeada de gente: de office-boys a senhores de terno e cabelos grisalhos, todos entretidos com o pequeno mundo feito de varetas, argolas, pregos retorcidos e labirintos de arame. Para eles, são esses os únicos problemas a serem resolvidos no momento. O relógio só conta na hora de informar os minutos que restam para vencer o desafio.

Nem tudo está perdido quando ainda há tempo a perder.

A baiana de 19 anos, que adotou o nome de Geska, negocia o corpo moreno sob o viaduto da pista que une os hotéis ao Setor de Diversões Sul. Antes, faz quatro shows diáriamente de strip-tease no cine Ritz, no Conic. Réquebra nua ao som da música baiana, enquanto os homens da platéia a examinam com olhos de microscópio.

Geska morre de vergonha — não de vender o corpo à noite, mas de antes exibir-se nua diante de tanta gente. Por isso, tira a roupa e dança

olhando para lugar nenhum. Não quer ver os homens, na ilusão de que, assim, eles também não a vejam.

Entre um show e outro, Geska e suas colegas de strip-tease — nem todas garotas de programa — vêem televisão e falam de amores improváveis, deitadas nos beliches do quartinho cuja escada vai dar direto no palco. No chão desse quarto onde moram, há calcinhas vermelhas, sandálias de salto alto, pedaços de papel higiênico, latas de refrigerante e nenhum glamour. Na platéia, os homens esperam, impacientes.

Enquanto isso, a 50 metros dali, a platéia majoritariamente feminina ora pela libertação de todos os pecados. As obreiras da Igreja Universal vestem roupas indevassáveis: blusas opacas abotoadas até o pescoço, saias retas que descem até a canela. Talvez sejam bonitas, quem poderá saber?

Uma das obreiras, que tem a cara

da roqueira Cássia Eller, tenta arrancar o diabo do corpo de uma fiel. "Vai embora, capeta desgraçado!", exorciza. Depois, segura um albúm de fotografias que a moça lhe entrega e pede a Jesus que abençoe a família ali retratada. Por último, mãos postas sobre o talão de cheque da fiel, ora pela prosperidade da alma atormentada.

Adilton trabalha na manutenção da rede de águas pluviais. Todos os dias, desce dez metros, caminha

quilômetros e mais quilômetros cor-

tando o silêncio e a escuridão.

Adilton e os outros homens do

fundo da Terra sabem dos casais

que rompem o lacre das bocas de

lobos e se amam muito abaixado do

nível dos eixos. Sabem também dos

adolescentes que trafegam clandes-

tinos pelas galerias subterrâneas e

se perdem às vezes. Dos fetos que

entopem os esgotos. Das baratas

enlouquecidas que se atiram sobre

os operários que tentam desentupir

os canos imundos.

As três Brasilias são, na verdade, uma só. O operário que emerge da Brasília subterrânea vislumbra, ao abrir a tampa do bueiro, um homem

deitado numa rede em plena Es-

planada dos Ministérios. O paranaense Alaor Fagundes trouxe um walkman e uma tevê a pilha. Veio para ficar um ano, cobrando reformas constitucionais da Brasília oficial.

Olhando mais além, o operário vê uma grande cruz indicando os quatro pontos cardeais, fincada no mesmo gramado da Esplanada.

Trata-se de um monumento. É, portanto, parte indivisível da Brasília oficial. Mas poucos percebem que a cruz existe e que está ali há 37 anos celebrando a integração nacional.

Quase ninguém percebe os tocos de vela grudados na base do monumento: na falta de encruzilhada, a cidade de coisas despercebidas oferece uma cruz para os despachos de sexta-feira.